



Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Murad, Afonso

A morte: abordagem interdisciplinar a partir da teologia e da pastoral

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 6, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 255-278

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449748253014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A morte: abordagem interdisciplinar a partir da teologia e da pastoral

Death: interdisciplinary approach from the theology and pastoral

Afonso Murad

Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, Roma, docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (Ista), em Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: murad4@hotmail.com

Resumo

O artigo visa apresentar um panorama contemporâneo sobre o tema da morte, em perspectiva cristã. Dirige-se sobretudo às lideranças eclesiais das igrejas (agentes de pastoral, presbíteros, pastores, encarregados do ministério das exéquias). É um ensaio de caráter teórico-prático. Inicialmente, aponta as grandes mudanças culturais que influenciam a percepção da morte nas sociedades urbanas. Morrer se torna algo privado, banalizado, ou transforma-se em espetáculo. A seguir, elabora-se uma reflexão teológica sobre a morte, em relação ao Deus da Vida. O núcleo reside em apontar como a morte de Jesus ilumina o término da existência de seus seguidores. A terceira parte, de caráter existencial, apresenta resumidamente as cinco etapas do processo de morrer, sugerindo atitudes e posturas convenientes para cada fase. Desenvolve-se também a reflexão sobre o itinerário de elaboração da perda

(o luto). A quarta parte apresenta sugestões de caráter prático, visando ao acompanhamento espiritual de pacientes terminais e a pastoral de exéquias.

Palavras-chave: Morte. Escatologia cristã. Exéquias. Pastoral da esperança.

Abstract

The article presents an overview of the contemporary theme of death in Christian perspective. Addressed primarily to the church leaders of the churches (pastoral workers, priests, pastors, ministry in charge of the funeral). It is a text of a theoretical-practical. Initially, points out the great cultural changes that influence the perception of death in urban societies. Dying becomes something private, trivialized, or becomes spectacle. Next, draw up a theological reflection on death, in relation to the God of Life. The core lies in pointing to the death of Jesus illuminates the termination of the existence of their followers. The third part of existential, summarizes the five stages of dying, suggesting attitudes and postures appropriate for each stage. Develops also a reflection on the itinerary with the loss (mourning). The fourth part presents suggestions of a practical nature, seeking spiritual guidance and pastoral care of terminal patients to funeral.

Keywords: Death. Christian eschatology. Funerals. Pastoral Hope.

Introdução

Quando se estuda escatologia cristã, pouco se reflete sobre a morte em si mesma. A atenção se volta para o que vai acontecer depois: o juízo de Deus e a vida eterna. Uns se ocupam da salvação da alma após a morte. Outros acentuam a tribulação, a segunda vinda de Jesus e o milênio. A catequese, as escolas dominicais, os cursos de iniciação à teologia, os sites e blogs cristãos estão focados no que vai acontecer depois desta vida. Raramente se considera os sentimentos que as pessoas provam diante da morte de parentes e amigos. O término desta existência terrena permanece como uma das perguntas cruciais para o ser humano, e a teologia deve refletir acerca dela.

Neste artigo abordaremos a morte com vários olhares: cultural, existencial, teológico e pastoral. Apresentaremos a visão cristã sobre a morte,

como as pessoas lidam com ela, qual a visão da sociedade contemporânea acerca de morrer e como tratar deste tema na evangelização. Responderemos a algumas questões, como: de que maneira a morte de Jesus *ilumina* a existência humana e seu término neste mundo? Como ajudar a quem tem uma doença grave e está no caminho da morte? Como lidar com nossos sentimentos, diante da morte de pessoas que amamos? Privilegiaremos a perspectiva ecumênica, que considera as diferentes igrejas e confissões cristãs.

Olhar panorâmico sobre a morte na sociedade atual

A morte é simultaneamente um ato da natureza, um ato pessoal e um fato social (LIBANIO; BINGEMER, 1985, p. 149-177). Para compreender o fenômeno da morte, faz-se necessário conhecer alguns condicionamentos culturais que ajudam ou dificultam o cristão a elaborar o sentido deste singular momento da existência humana.

Durante muitos séculos depois, a cultura ocidental desenvolveu uma visão trágica e pessimista da morte, mas também descobriu diversas formas de lidar com ela (ARIËS, 2003). Na Idade Média, o medo de morrer alimentava o cotidiano. Quando aconteciam guerras, muita gente morria, causando enormes perdas nas famílias e nas comunidades locais. Vários surtos de doenças contagiosas, provavelmente causadas por vírus ou bactérias, chamadas de “pestes”, dizimavam cidades e regiões inteiras. Não havia saneamento básico, nem água tratada, nem canalização de esgoto. Desconhecia-se a importância da higiene e do banho pessoal, bem como a origem e as formas de transmissão das doenças infecciosas. Bastava uma alteração climática e a produção agrícola estava comprometida, provocando fome, desnutrição e consequente morte. Então, atribuiu-se à ira divina estes fenômenos de destruição em massa: *a guerra, a peste e a fome*. A morte era representada como um personagem feio, magro, vestido de preto, com fisionomia de caveira, que trazia consigo uma foice e ceifava impiedosamente as pessoas e os povos.

O que restou dessa visão no imaginário brasileiro? O medo da morte, alimentado por lendas a respeito de um suposto “mundo dos mortos”. Em cidades do interior e nas comunidades rurais circulam histórias de assombrações e de almas penadas. A partir desse imaginário popular tão

fértil, Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, concebeu o simpático personagem Penadinho, que é uma “alma penada” bem-humorada, em forma de fantasma, que habita o cemitério.

As percepções, que recebemos desde a infância na família e se difundem no imaginário, influenciam a maneira de encarar o morrer, inclusive para quem tem fé. O medo da morte não é somente psicológico, mas também cultural e social. Na sociedade tradicional, predominantemente rural e pré-industrial, as pessoas conviviam com o morrer e tinham ocasião de elaborar lentamente o sentido para esse fato. Cultivava-se o medo da morte. Mas havia também o contraponto cultural e social para lidar com esse sentimento. O período de luto era a condição necessária para acolher a perda dos entes queridos. A linguagem religiosa ajudava a entender e a acolher o enigma da morte, como “vontade de Deus”. E isso mudou rapidamente em poucas décadas.

Mudanças na concepção de morte na sociedade urbana

Nos últimos anos, aconteceu grande mudança na concepção de morte, graças ao processo de urbanização e ao desenvolvimento da medicina. O século XX está marcado pela “privatização progressiva do morrer” (BLANK, 2003, p. 16). Para a geração de nossos avós, que, em sua maioria, morava em pequenas cidades ou em fazendas, a enfermidade e a morte eram vividas de forma familiar e comunitária. Se alguém fosse acometido por doença grave, era tratado em casa com remédios tradicionais. Quem tinha a possibilidade de consultar um médico usava alguns medicamentos e permanecia internado por breve período no hospital. À medida que definhava, por velhice ou doença grave, a pessoa voltava para casa e era acompanhada por parentes, vizinhos e amigos. Rezava-se por sua saúde.

Com exceção da morte causada por acidentes ou por violência, a grande parte da população falecia em casa. O fato era acompanhado por todos, inclusive as crianças, que aprendiam desde cedo a conviver com a possibilidade da morte. Ela acontecia no seio da família, mas era também um ato público. Todos podiam ver o moribundo e acompanhar seus últimos dias. O velório acontecia na casa, em oratórios comunitários ou

capelas. Não sendo ocultada, a morte atingia a cada um. Em várias cidades pequenas do Brasil, o cemitério foi construído ao lado das igrejas ou sobre um monte. Assim, estava no horizonte visível da população a inevitabilidade da morte.

Em meio século, a situação se alterou consideravelmente. Apesar do atendimento médico ainda deficiente em muitas regiões do país, a medicina evoluiu e foi ampliada a rede de tratamento da saúde. Novos equipamentos e exames de laboratório permitem diagnosticar doenças com precisão. Pesquisas científicas ocasionaram a descoberta de medicamentos que dilataram o tempo de vida. A média de expectativa de vida do(a) brasileiro(a) aumentou consideravelmente nas últimas três décadas.

Nas capitais e grandes cidades se implantaram Centros de Terapia Intensiva, denominados UTI ou CTI. Nesses espaços, pacientes em estado grave são submetidos a monitoramento complexo e muitos recuperam a saúde. Quem já entrou em UTIs para visitar familiares, percebe que predomina aí o ambiente técnico, embora haja esforços de humanização em vários hospitais do país. O paciente está cercado de aparelhos que lhe injetam soro ou sangue, controlam pressão arterial e ritmo cardíaco, auxiliam na respiração, ajudam a eliminar líquidos etc.

O hospital se torna o lugar de recuperação da saúde ou do fim da vida. Assim morrem muitas pessoas nos hospitais: sozinhas e cercadas de aparelhos. A morte, que era familiar e pública, tornou-se privada. Excluíram-se os parentes e amigos. Acontece de forma solitária e anônima. O falecido desaparece da cena.

As crescentes exigências sanitárias levaram à supressão dos velórios nas casas, pois se descobriu que muitos defuntos, vítimas de doenças infecciosas, poderiam disseminar perigosos micro-organismos e assim contaminar os vivos. O velório se realiza preferentemente em capelas mortuárias dos cemitérios. Nas cidades grandes, elas estão situadas longe dos bairros onde moram parentes, vizinhos e amigos do falecido. Então, pouca gente participa do velório, que é um momento importante de despedida e elaboração da perda. Acrescenta-se a isso outros fatores, tais como acesso difícil ao local, trânsito lento, impossibilidade de presença durante a noite. Até questões de segurança comprometem a elaboração do luto no velório. Era costume que o

falecido fosse velado até o momento do enterro. Hoje, em função dos constantes riscos de assaltos na madrugada, inclusive nos cemitérios, os familiares se veem forçados a voltar para casa, “deixando o defunto sozinho” até a manhã seguinte. Ou permanecem trancados toda a noite na capela mortuária.

Assim, a morte solitária e privada no hospital, acrescida à redução do rito de despedida do velório e do sepultamento, torna a elaboração da perda ainda mais difícil.

Espetacularização e banalização da morte

Embora vivamos mais distantes dos amigos e parentes que falecem, a morte daqueles que não conhecemos invade nosso cotidiano através de jornais, rádio, TV e internet. Aparece como notícia sensacionalista e trágica. Jornais baratos se especializam nessa forma de anunciar a morte dos desconhecidos, com manchetes fortes e desrespeitosas. Em seriados de TV e nas novelas, os personagens do mal facilmente eliminam aqueles que estão em seu caminho.

A morte é banalizada também quando se torna um espetáculo! Perde algo de sua tragicidade. É travestida com algo “light”. A banalização da morte significa desvalorizar a vida dos seres humanos, que é supremo dom de Deus. No meio dos mais pobres, acontecem mortes precoces e injustas de crianças e de adolescentes, de doentes que não recebem o tratamento médico adequado, de homens e mulheres vítimas da violência. Algumas situações corroem a vida lentamente, tais como as deficientes condições de vida, de moradia e de alimentação, ou a falta de segurança pública. Outras são imediatas, tais como um tratamento médico equivocado ou um assassinato. Afirmar que tais mortes são a “vontade de Deus” seria responsabilizar o Senhor por ações que se originam de homens e mulheres concretos e de estruturas sociais pecaminosas. Essas mortes clamam aos céus. Atenta-se contra o próprio Deus da Vida. A morte faz parte da condição humana, por isso deve ser aceita. Mas é necessário distinguir a morte em si daquelas provocadas pelas injustiças e pelas maldades humanas. Deus não as deseja nem as aceita.

Na Bíblia se denuncia a morte provocada pela violência humana. Não se qualificam as mortes por assassinato como “vontade de Deus”. Caim matou Abel por inveja (Gn 4,2-16) e esse crime desagradou a Javé. Quando a morte é ordenada por quem detém o poder político, como o rei, aumenta a indignação divina. O profeta Elias lança uma maldição sobre o rei Acáz e sua mulher Jezabel, pois mataram Nabot por ganância e se apropriaram das terras de sua família (1 Re 21,1-24). O profeta Natã faz ver a Davi que ele cometeu uma grande iniquidade, ao provocar o assassinato de Urias, para esconder a violência sexual que o rei praticou com a mulher dele (1 Sm 12,1-12). Jesus clama contra o poder político e religioso situado em Jerusalém, que “mata os profetas” (Lc 13,34) e rejeita os enviados de Deus.

O cristão é chamado a criar condições de vida dignas para todos. Não considera como normal a violência contra crianças, jovens, mulheres e idosos. O Deus da vida, revelado em Jesus, quer que todos tenham vida, e vida em plenitude (Jo 10,10). É necessário defender a vida e denunciar as situações desumanas que levam as pessoas à morte. Com esta reflexão, já adentramos na reflexão teológica sobre a morte e o morrer.

A morte à luz da teologia cristã

Para começar, elencaremos alguns sentidos que a palavra “morte” assumiu na Bíblia e na teologia. Depois, veremos como os evangelhos compreenderam a morte de Jesus e o que isso nos diz hoje.

Morte: distintos sentidos

Em alguns catecismos cristãos tradicionais se afirma que Adão e Eva receberam de Deus o dom da imortalidade. Eles viveriam para sempre felizes no paraíso, se tivessem obedecido a Deus. Seriam imortais e poderiam abandonar este mundo quando desejassem. Mas, como nossos primeiros pais não seguiram o preceito divino, perderam este e outros dons. Portanto, a morte de todos os homens e mulheres seria consequência do Pecado. Essa interpretação surgiu no século V, a partir da leitura de textos paulinos, difundiu-se

com Agostinho e foi assumida posteriormente pelas igrejas cristãs: católica e protestantes. Mas encontra problemas. O que dizer de todos os animais, que não pecaram, e também morrem? E, para quem acredita em “anjos decaídos”, como explicar que eles pecaram e não morreram?

Ora, a palavra “morte” tem ao menos dois sentidos na Bíblia. O primeiro é literal: o fim da existência na Terra. Nesse caso, morrer não é consequência do pecado, pois o ser humano experimenta o ciclo natural de concepção, nascimento, crescimento, procriação, maturidade, envelhecimento e final de vida, como os outros animais sexuados. Se homens e mulheres que nasceram desde o começo da história da humanidade estivessem vivos até hoje, simplesmente não haveria lugar nem alimento suficiente para todos. A nossa geração não existiria. É a dimensão natural da morte, que não pode ser ignorada. A vida está penetrada pela dupla dinâmica de conservação e dissolução. A morte faz parte do ciclo vital de todos os seres vivos. Morrer revela que a vida humana participa da finitude de todos os seres vivos complexos conhecidos. Ela é desgastável, consumível, dissolúvel.

Inspirado por Deus, o povo de Israel compreendeu que a nossa existência neste mundo tem um término. Somos seres finitos. Como a morte é inevitável, um sinal de bênção divina consiste em viver muito, ter saúde e paz, não morrer precocemente e experimentar uma velhice feliz. Por isso a Bíblia atribui muitos anos de vida a personagens importantes, como Sara (Gn 23,1) e Abraão (Gn 25,7). Viver bem, durante longo período expressa uma bênção divina (Dt 28,11s). Nesta mesma linha, o profeta Isaías promete que, no novo tempo do messias, “não haverá mais crianças que vivam alguns dias apenas, nem velhos que não cheguem a completar seus dias, pois será ainda jovem quem morrer aos cem anos” (Is 65,20-21).

As Escrituras Judaicas, com excessão de algumas citações da literatura sapiencial (Sb 3,1-9; 5,15-16), não defendem a imortalidade, como acontece em outras culturas. Sinal de dávida divina consiste em completar o tempo que Deus lhe reserva. O ser humano não é Deus. Faz parte de sua finitude o fato da morte. E diferente dos outros animais, ele sabe, conscientemente, que um dia vai morrer. A vida humana é relativamente breve e vai ao encontro da morte. Por isso, o salmista pede a Deus a sabedoria de viver bem no curto tempo da existência (Sl 90,12).

A Bíblia confere à palavra “morte” também um sentido ético-espiritual: *optar contra o Deus da vida, ceder às inclinações do mal no seu coração, afastar-se da Fonte da vida*. Se o Povo de Deus escolher a fidelidade à aliança, sua existência nesta Terra será marcada pela bênção e pela paz. Rejeitar a aliança com Javé leva à perda de valores, ao desvio do caminho do bem, à destruição lenta do próprio povo. O texto clássico sobre este sentido ético-espiritual de morte se encontra em Deuteronômio 30,15-19:

Hoje eu coloco diante de você a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se você obedecer aos mandamentos de Javé seu Deus, andando em seus caminhos e observando os seus mandamentos, estatutos e normas, você viverá e se multiplicará. Javé seu Deus o abençoará na terra onde você está entrando para tomar posse dela. Todavia, se o seu coração se desviar e você não obedecer, se você deixar se seduzir e adorar e servir outros deuses, eu hoje lhe declaro: é certo que vocês perecerão! Não prolongarão seus dias sobre a terra onde estão entrando. Hoje eu tomo o céu e a terra como testemunhas contra vocês: eu lhe propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolha, portanto a vida, para você e seus descendentes possam viver, amando a Javé seu Deus, obedecendo-lhe e apegando-se a Ele.

Morrer, enquanto etapa final da existência humana nesse mundo, é algo natural. No entanto, a morte como atitude de negar o Deus da vida e de praticar o mal contra as pessoas é consequência e manifestação do Pecado. Gênesis 4,1-15 narra como Caim assassinou seu próprio irmão. Se é normal morrer depois de longo período de existência na terra, é pecaminosa a morte provocada por violência. Além disso, o Pecado acrescentou à existência um lado trágico e difícil. O ser humano se aferra à vida e aos bens conquistados e não quer abandonar este mundo. Então, a morte passa a ser temida como a grande inimiga.

Paulo afirma que “com o Pecado entrou a morte no mundo” (Rm 5,12). Não se refere aqui ao fim do ciclo de vida, e sim à rejeição a Deus, que leva os seres humanos a destruírem a si próprios, aos outros e à natureza! Assim, o pecado influencia profundamente a forma humana de viver e de morrer. Longe de Deus, o homem e a mulher cultivam atitudes que corroem a vida, em toda a sua extensão. Em sentido simbólico: vivem optando pela morte. O resultado não poderia ser outro. Apegam-se tanto às ilusões e às coisas passageiras desta vida, que têm dificuldades em fazer

da morte o gesto derradeiro de entrega nas mãos de Deus. No fim da vida colhem o mal que cultivaram durante a existência. Quem se distancia de Deus está no caminho da morte, como a palha que o vento leva (Sl 1,4-6).

Nas comunidades joaninas, a ligação entre *amor* e *vida* está clara: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os nossos irmãos” (1Jo 3,14). No entanto, o fim da existência terrena não se equipara ao aniquilamento espiritual do ser humano. Não são sinônimos. Assim se compreende a palavra de Paulo: “a morte é o salário do pecado. Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna” (Rm 6,23). “Morte” designa tanto o fim temporal da vida como também o dano causado à vida pela perda da comunhão com Deus. Mas as duas experiências não são necessariamente coincidentes.

Durante alguns séculos o povo de Israel acreditou que a morte era o fim de tudo. Quem já morreu, mesmo que tenha sido uma pessoa justa, está no *sheol*, na morada dos mortos, longe de Deus. Por isso, nem pode louvá-lo (Sl 88,11-13). Assim, inevitavelmente, morrer é passar para um estágio onde se está distante de Deus. Ora, Javé é o amante da vida (Sb 11,26). Sua fidelidade dura para sempre. O seu amor é eterno! (Sl 118,1-4; Sl 136). Nasce então uma pergunta, que amadurecerá durante bom tempo: esta existência é o fim da vida? Daí cresce lentamente uma convicção: quem está com Deus não pode acabar sua existência na tumba (Sl 16,10). A experiência de ser fiel a Deus, em meio a tantas crises, suscita no Povo de Deus a esperança na ressurreição dos mortos: “Tu não abandonarás a minha vida no Sheol” (Sl 16,10); “Tu me agarraste pela mão e ao fim me tomarás na glória” (Sl 73,23s).

Se Javé é o Deus da Vida, a morte é compreendida simbolicamente como inimiga de Deus. Por isso, a ressurreição de Jesus realiza a grande vitória de Deus sobre a morte, em todos os sentidos: ético, biológico e simbólico-espiritual (1Cor 15,54.57). A vida, a morte e a ressurreição de Jesus nos libertaram do pecado e da morte. O ser humano morre, mas a dimensão negativa da morte foi vencida, em Cristo.

Compreender a morte a partir de Jesus

Vejamos que significados os evangelhos atribuem ao ato último de Jesus, o de morrer na cruz.

A morte é para Jesus a consumação de uma vida de amor e dedicação ao povo, o término de sua missão de inaugurar o Reino de Deus e anunciar o Pai amoroso. O relato da Paixão, no Evangelho de João, assim se inicia: “Tendo amado os seus que estavam neste mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1b). Na oração conclusiva de sua missão, Jesus proclama: “Eu te glorifiquei na terra, completei a obra que me deste para fazer” (Jo 17,4). Assim ele encerra um longo e belo caminho de viver para os outros, fazendo o bem (At 10,34)!

Jesus encerra tal missão sozinho, abandonado pelos discípulos e pela multidão. Sua morte redentora não esconde esse fato. Morrer crucificado soou inicialmente para seus discípulos como fracasso. Abateu suas esperanças, como se relata na conversa dos discípulos de Emaús (Lc 24,19-21). O Evangelho de Marcos, na narrativa da paixão, apresenta a palavra trágica de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34), aludindo ao grito do justo perseguido, no Salmo 22. À luz da situação de Jesus na cruz, pode-se afirmar que, para todo ser humano, a morte comporta perda e abandono. É enganosa a pretensão da “doce morte”, pois ela “[...] é antes de tudo um ocaso ansiado ou temido dessa existência terrena concreta; um ocaso com todas as consequências duras, definitivas e dolorosas que essa radical interrupção ocasiona” (KEHL, 2001, p. 80).

O próprio Filho de Deus encarnado experimentou a morte como acontecimento solitário, difícil, penoso. No entanto, Jesus deu outro sentido ao fato de morrer. Fez do abandono o gesto mais radical de entrega a Deus. Jesus tomou a vida e a morte em suas mãos. Não deixou que se transformasse num destino cego. O grande gesto de Jesus ao final da vida consiste em se entregar confiadamente nas mãos do Pai. Assim relata o evangelista Lucas a última palavra de Jesus, num grande grito na cruz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Então, inspirado neste gesto de Jesus, o cristão é chamado a fazer da morte o último e definitivo momento de oferta a Deus, o gesto derradeiro de fé: “Senhor, de ti recebi a vida. A ti a entrego novamente”.

Há algo original na morte de Jesus: seu caráter redentor. Ele morreu por nós, libertando-nos dos pecados, em virtude do sangue derramado na cruz. Leva-se em conta, no entanto, que a morte redentora de Jesus faz parte de sua pessoa e de sua missão. A salvação começa com a encarnação do Filho de Deus e o nascimento de Jesus (Jo 1,14). Manifesta-se

nos gestos e palavras salvadoras de Jesus (Lc 19,9), alcança densidade única na morte de cruz e é confirmada pela ressurreição e glorificação (FRANÇA MIRANDA, 2004, p. 71-79). À luz da ressurreição, a morte é compreendida como a grande passagem, que arranca o ser humano do enclausuramento e lhe proporciona formas de ser novas e imprevisíveis.

Em poucas palavras, a morte significou para Jesus simultaneamente: abandono, entrega, redenção e passagem para vida glorificada. O que ela ensina a todo ser humano? Morrer é ato solitário. Mesmo que aconteça em companhia das pessoas amadas, a morte comporta abandono e perda. Ao mesmo tempo, Jesus fez de sua morte o ato último de entrega ao Pai e à humanidade. Ele, que “passou pela vida fazendo o bem” (At 10,38), transformou a condição de “ser abandonado” em “abandonar-se” nas mãos do Pai. Por fim, a partir de Cristo, a morte não tem a última palavra sobre a existência humana. O Deus da vida libertou Jesus das amarras da morte e o conduziu para a Glória. Assim, ele abriu para nós um caminho radicalmente novo. A morte se transforma em passagem para nova vida, a ressurreição.

Após refletir teologicamente acerca da morte, abordaremos a seguir aspectos existenciais e práticos, visando ajudar os cristãos a enfrentar as situações de morte no âmbito familiar, comunitário e eclesial. Por esta razão propositalmente utilizaremos outro gênero de discurso, voltando-nos diretamente para aos interlocutores deste artigo.

Lidar com a morte dos outros: enfoque existencial à luz da fé

Cada um de nós compreende o que é a morte a partir dos outros seres vivos. Uma criança começa a entender os limites da vida quando perde seu animal de estimação. Adultos, ao acompanhar de parentes e amigos com enfermidade grave, questionam-se como estão conduzindo sua existência e que fim ela terá. A morte de pessoas a quem queremos bem possibilita experimentar dimensões básicas da morte. A doença e a perda dos outros permitem-nos pensar sobre a nossa morte, enquanto indivíduos e coletividade. Envelhecer, adoecer e morrer não se restringem uma questão psicológica ou existencial, mas são também realidades de natureza espiritual e teológica. Oferecem-nos possibilidades de conversão,

de dilatar a capacidade de amar, de exercitar a solidariedade. Levam-nos a perguntar sobre o último e definitivo da existência. Tocam, portanto, o núcleo da escatologia cristã.

Ajudar a quem está a caminho da morte

Sucedem que, na família ou na comunidade, alguém é acometido de uma doença grave que leva à morte, como um câncer em estado avançado. Quem está à sua volta quer ajudá-lo, mas não sabe a maneira conveniente de agir. Diferentemente da morte por acidente ou violência, há ocasião de se preparar para a passagem rumo à outra vida. Como fazer desse difícil momento um tempo de graça, de encontro com Deus?

A Dra. Elisabeth Kuebler-Ross estudou durante muitos anos vários casos de pacientes que foram diagnosticados com doenças graves e passaram pelo processo que os conduziu à morte. Sua pesquisa reuniu dados psicológicos, clínicos e sociais. Ao fim, ela concluiu que o enfermo elabora o processo da morte em cinco fases. Para cada etapa há atitudes comuns, o que fornece orientações sobre a maneira mais apropriada de enfrentar a situação (KUEBLER-ROSS, 2002, p. 10-142).

Vejamos resumidamente em que consiste cada fase do “processo de morrer” e como você pode ajudar a pessoa nesta situação.

- a) Quando alguém recebe do(a) médico(a) a notícia de que está com doença grave, que pode levá-lo à morte, normalmente é tomado por uma reação de choque. Recusa-se a crer que notícia tão ruim seja verdadeira. Tende a se isolar. Apesar disso, pode ser que deseje conversar acerca da possibilidade da morte. Qual deve ser sua atitude, caso seja parente, amigo ou conselheiro dessa pessoa? Você deve se colocar à sua disposição, mas nunca forçá-la a falar sobre o assunto. A conversa acontece quando o outro quer e não quando você determinar. Por vezes, o enfermo começa a falar sobre o assunto e não consegue continuar. Nesta fase, alternam-se o início de aceitação com forte rejeição. Crie as condições para ele(a) se manifestar, mas não queira tomar a direção da conversa.

- b) A segunda etapa se caracteriza pelo predomínio de sentimentos de ira, rancor, raiva. A pessoa briga com Deus e com o mundo, e se pergunta: *Por que logo eu? Nunca matei, roubei ou fiz algo de errado, porque isso aconteceu justamente comigo?* Compreenda que a irritação da pessoa não é contra você pessoalmente. As provocações do doente manifestam simplesmente seu desespero. Então, é necessário exercitar muita paciência e tolerância. As perguntas levantadas pelo doente podem também ser as suas. Você talvez estará indignado(a) e perplexo diante do sofrimento e da dor de pessoas do Bem, que não mereciam estar nesta situação. Muitas perguntas ficarão sem resposta.
- c) A terceira etapa é marcada pela negociação. O enfermo tenta a todo custo prorrogar a morte inevitável. Momento propício para orações, simpatias, remédios populares, correntes de oração, preces poderosas de toda sorte. Amigos e parentes de diferentes credos oferecem seus serviços religiosos, na tentativa de conseguir a cura. E o doente, tão fragilizado, tende a receber qualquer coisa que possa livrá-lo da morte. Por que não recorrer a todas as soluções religiosas possíveis? Neste momento, a fé cristã é provada novamente, pois nem todas as tentativas de cura são compatíveis com a adesão a Jesus Cristo.
- Vários doentes alcançam a cura nesta fase. Somam-se incontáveis fatores, de natureza psicossomática, psicológica e espiritual, que resultam em superação da doença. E como o homem ou a mulher se comportam após a cura? Alguns mudam de vida, pois aprendem com a experiência. Tornam-se mais pacientes, bondosos, sensíveis à dor dos outros. Aderem a um estilo de vida saudável, mudam a dieta alimentar e renunciam às atitudes que contribuíram com o adoecer, como raiva, ódio e descentramento. Há quem fez uma experiência espiritual profunda e continua a sustentá-la com a leitura da Palavra de Deus, a gratidão e a participação na Igreja. Estes homens e mulheres “nasceram de novo”. Outros, infelizmente, não aprenderam com a experiência de passar perto da morte e escapar dela. Em pouco tempo, retomam à vida passada, com seus limites e equívocos.
- d) Imagine agora quem não foi curado na fase da “negociação”. Recorreu a vários métodos, procedimentos alternativos e vias religiosas e não obteve resultado! Advém sobre ele(a) um forte sentimento de

perda irreparável. Tudo o que conquistou no passado, como saúde, reconhecimento profissional e riquezas, escapa-lhe das mãos como água entre os dedos. Nada lhe aparece no horizonte futuro, senão perdas: a saúde, as pessoas amadas, a fama, o lugar conquistado. Esta fase é marcada por comportamentos depressivos, pela falta de estímulos para viver e acordar cada dia.

- e) Como você deve se comportar com o moribundo, neste momento? Aconselha-se a respeitar o direito que ele tem de ficar triste. É uma falsa saída tentar lhe impedir de manifestar tristeza, desânimo e choro. Importa estar ao seu lado, ouvi-lo, acolhê-lo. Essa fase depressiva é necessária para o enfermo depois aceitar sua morte.
- f) A última etapa caracteriza-se pela aceitação da morte. A pessoa vive momentos de calma, pois consentiu com sua situação. Em muitos casos, na proximidade da morte, ela reage como se algo lhe sinalizasse o que vai acontecer. Nesta derradeira fase, o doente em estado terminal necessita de nossa oração, para que se entregue confiadamente nas mãos de Deus. A presença física também é importante, pois a morte, este momento solitário de passagem, causa temor a todo ser humano. Quanto mais firme a convicção religiosa, tanto menos o moribundo se angustiará diante da morte iminente. A fé minimiza e dá sentido ao medo, mas não o suprime. A morte é um grande salto no escuro.

Neste último momento, o conselheiro, amigo ou orientador espiritual deve se voltar também para o núcleo familiar. Se o doente terminal aceitou serenamente a morte, seus familiares estão vivendo o sentimento oposto: desespero perante a inevitável perda e a separação. Convém ajudá-los a acolher este difícil momento.

As cinco fases (choque, ira, negociação, depressão, aceitação) não acontecem de forma linear e com a mesma intensidade. Por vezes, em casos de longa doença, alguém pode alternar uma fase e regredir para a outra, que já parecia superada. Para quem acompanha o enfermo, importa sempre estar aberto às suas necessidades. Não lhe destruir as esperanças nem enganá-lo dizendo que “está tudo bem”. Por fim, aceitar quando ele deseja conversar sobre a morte iminente (BLANK, 2003, p. 32-41).

O cristão não se ocupa somente em saber o que acontecerá na morte. Ele(a) também responde ao apelo de Deus para ajudar as pessoas que caminham para o fim da vida. Compreender as “etapas do morrer” e as posturas adequadas para cada momento constitui uma ferramenta indispensável para realizar tal tarefa.

A dor diante da morte

Quando morre alguém com quem temos fortes vínculos, como um(a) grande amigo(a) ou familiar próximo, é normal que sofram. Há pessoas que transparecem a dor da perda com intensidade. Choram, lamentam, entristecem-se. Alguns tentam controlar as manifestações de seus sentimentos. Outros ainda mantêm postura rígida, impassível, como se a dor da morte não lhes atingisse. Simulam que tudo está normal e que a vida seguirá do mesmo jeito. Envergonham-se de chorar ou ficar tristes. No lado oposto situam-se os que assumem a postura de vítimas. Permanecem anos a fio se lamentando pela perda da pessoa amada. Conscientemente ou não, chantageiam os que estão à sua volta, para que lhe deem atenção.

Uma perda significativa pode causar dor prolongada, tristeza profunda, desânimo, fraqueza física, indignação, revolta e momentos de ira. Quanto maior a perda, mais intensos poderão ser estes sentimentos. A situação desafia as pessoas religiosas. Um pai ou mãe pode expressar indignação, ao perder de forma trágica seu filho(a) querido(a). Logo os parentes próximos lhe dizem: *Você tem pouca fé! Aceite a vontade de Deus!* Então, soma-se à dor da perda o sentimento de culpa.

Compreende-se o grito de dor em situação de sofrimento extremo e da morte de pessoas amadas. A Bíblia testemunha a tristeza e o pranto dos justos. Diante da aparente morte do filho José, Jacó veste-se de luto e chora sua morte por muito tempo; recusa o consolo dos outros filhos e filhas (Gn 37,34-35). O próprio Jesus se emociona e chora na frente do túmulo do seu amigo Lázaro (Jo 11,35). Madalena, a discípula amada de Jesus, chora copiosamente diante da tumba do mestre (Jo 20, 11.15). Surgem também perguntas, questionamentos e dúvidas. Com o tempo

— e não imediatamente —, elas lhe darão ocasião da acolher a perda e amadurecer na fé.

Quanto mais forte o amor, tanto mais profundo o luto; quanto mais irrestrito o apego, tanto mais inconsolável a perda. Quem se entregou totalmente ao amor pelo outro, morre pessoalmente nas dores do luto e nasce de novo, para ser outra vez trazido à vida e reencontrar a vontade de viver [...] Deve-se reservar tanto tempo para o luto como para o amor. O luto aceito e suportado restaura o amor pela vida após a morte (MOLTMANN, 2002, p. 138).

A maneira adequada de consolar quem chora e sofre com a morte de um ente querido não consiste em dar conselhos moralistas, visando impedir que venham à tona sentimentos diversos e dúvidas. É mais conveniente manifestar, com gestos e palavras, que você está ao lado dele, partilhando sua dor. Pode-se pedir que, a seu tempo, Deus lhe dê consolo e fortaleza para enfrentar (e não negar) essa situação. Há atitudes heroicas diante da morte de pessoas queridas, mas elas não são a norma para todos, pois o processo de elaboração do luto tem ritmos diferentes.

Quem já passou pela experiência de perder uma pessoa afetivamente próxima sabe que o dia da morte é muito duro. Se o amigo ou parente sofria doença conhecida e estava em estado terminal, o luto começou antes. Se a perda lhe vem de forma imprevista e rápida, como em um acidente de trânsito, predomina a sensação de “estado de choque”. Há quem toma consciência de que perdeu uma pessoa amada depois do sepultamento ou no dia seguinte, pois até então estava “anestesiada” com o fato.

Algumas questões práticas devem ser resolvidas, logo que se comprova a morte clínica de uma pessoa da família. Conforme as circunstâncias, verifica-se se o falecido deixou declaração de doação de órgãos. A família também pode autorizar explicitamente essa prática. Doar órgãos para transplantes sinaliza um gesto generoso de caridade. Salva vidas e viabiliza existência melhor para pessoas necessitadas, que nem sequer conhecemos. O procedimento de doação tem que ser realizado com rapidez e exige a mobilização de equipes especializadas. Depois, o corpo é liberado no hospital ou no Instituto Médico Legal, acompanhado do atestado de óbito. Alguém da família se ocupa em escolher a funerária, negociar os preços e as condições, lidar com tudo o que diz respeito ao velório,

à forma e ao lugar do sepultamento ou da cremação. Então, segue-se o velório e o sepultamento.

Velório e luto

O velório deixou de ser uma prática social e religiosa aceita por todos. Há gente que diz: “Não quero velório quando morrer. Odeio o fingimento das pessoas que o frequentam, somente por obrigação social”. Outros detestam velórios devido às dificuldades em lidar com o sofrimento, as perdas e a possibilidade da morte em sua existência. É certo que o ambiente de velório tende a apresentar grande densidade emocional. Nos casos de morte trágica provocada por assassinato, suicídio ou acidente de trânsito, eclodem sentimentos de tristeza, culpa, indignação, revolta e perplexidade.

O velório visa iniciar a elaboração da perda, a vivenciar o luto. Destina-se sobretudo aos que ficam. A existência humana é feito de encontros e desencontros, chegadas e partidas. Quem não se recorda de um momento alegre na vida, no qual foi ao encontro de alguém, muito querido, depois de um tempo de ausência? Ou então derramou lágrimas, ao despedir-se de um parente ou amigo, que saiu em viagem? Quem teve que abandonar temporariamente a família, em busca de novas oportunidades profissionais, sabe bem o que significa a dor da distância. Ora, a morte é uma partida, viagem sem volta em direção à eternidade, saída deste mundo dos viventes. O velório e o sepultamento consistem num grande rito de despedida dos vivos em relação ao morto. É preciso deixar que nossos defuntos partam. Simplesmente, dar adeus. Chorar a perda. Agradecer a presença. Depende de nós, parentes e amigos do(a) falecido(a), fazermos do velório um rito com sentido e não um acontecimento social, meramente externo e vazio.

O velório pertence ao mundo dos “sobreviventes”, porque é nesse momento que terão a oportunidade para iniciar a elaboração do luto, de forma mais concreta. Será no luto que não hesitaremos em derramar lágrimas, em manifestar explícita ou ostensivamente a nossa dor. Ficaremos ao lado do corpo inerte daquela pessoa querida que nos deixou, murmurando-lhe nossas últimas palavras, dizendo-lhe do nosso amor, do vazio que a sua ausência representará para nós (D’ASSUNÇÃO, 2002, p.26-28).

Depois do sepultamento, dá-se outro momento difícil para os familiares. Ao voltar para casa, estão tão cansados, com o corpo doído graças à tensão vivida, que tendem a dormir profundamente na primeira noite. Mas, ao acordar, além do cansaço natural, vem a sensação de vazio. Ninguém preenche o lugar da pessoa amada. Cantinhos da casa, fotos e objetos trazem fortes recordações, saudades. Dor da perda, que será acolhida e diminuirá lentamente. A separação física aconteceu, foi inevitável. Agora é o momento de elaborar a separação afetiva. Brotam novas perguntas, tais como “Por que isso aconteceu comigo?”, “Como vou viver agora sem ele(a)? Nesse caminhar de acolher a morte e a perda, é importante dar o salto para uma nova questão: “O que posso fazer agora, já que isso aconteceu?”.

Sugere-se que durante a primeira semana não haja muitas visitas à casa da família. Se for necessário, que sejam breves, sem longas conversas e discursos. É bom deixar que os familiares expressem seus sentimentos e se sintam à vontade. Evitem-se interrogatórios e perguntas invasoras da intimidade. Recomendam-se os momentos de oração em comunidade, sem exageros. Eles fortalecem as pessoas, dão-lhes consolo, alívio na dor e estímulo para retomar a vida.

Segundo os tanatologistas, o período mais difícil para a maioria das pessoas compreende os três primeiros meses após a morte de alguém. A frequência de amigos e visitantes diminui progressivamente, até praticamente desaparecer, pois a vida para eles continua igual. É normal que haja momentos de choro ou angústia, entremeados de outros relativamente tranquilos. Celebrar festas de aniversário ou comemorações com forte teor afetivo, tal como o Natal e a passagem do Ano Novo, parece um obstáculo intransponível. Lentamente, estas ocasiões serão integradas na sua vivência pessoal. Para alguns, ficará para sempre alguma marca, como uma cicatriz de ferida já curada.

A partir do quarto mês após a morte, a pessoa elabora melhor os “mecanismos de sobrevivência”, diante da perda. Alternam-se dias bons e ruins. Diminui a dor da lembrança de quem partiu. Cresce uma convicção: a vida continua! Volta-se ao convívio normal. Ela se dá o direito de experimentar novamente as coisas boas da vida, sem culpa.

O primeiro aniversário da morte não deve ser comemorado com longas sessões de nostalgia. Antes, é ocasião de agradecer a Deus pela pessoa

amada e pelas boas marcas deixadas na nossa existência. Oportuniza também analisar como vivenciamos este ano, o que aprendemos com a experiência da morte do outro.

Com o tempo, o luto chega ao fim. A lembrança deixa de ser somente a dor, para se tornar referência para o presente e o futuro. Ausência que ao mesmo tempo se faz companhia.

Orientações e sugestões pastorais

A teologia cristã visa compreender o fenômeno da morte à luz da fé, em diálogo com outros saberes humanos. Fornece elementos para alimentar a esperança e aprofundar sua experiência religiosa. Também oferece subsídios para que os cristãos e as Igrejas façam do momento da doença e da morte uma ocasião de exercitar o amor solidário e testemunhar o Evangelho. Nesse sentido, seguem breves sugestões, de caráter prático, dirigidas aos evangelizadores: agentes de pastoral, pastores, presbíteros e religiosos(as).

- a) Várias Igrejas promovem o ministério de visita aos doentes em hospitais. É um exercício gratuito de amor cristão, que responde ao apelo de Jesus: “Estive enfermo e me visitastes” (Mt 25,36). O cuidado com os enfermos em hospitais não visa em primeiro lugar ganhar adeptos para sua Igreja, aproveitando-se da situação de fragilidade e insegurança do paciente e de sua família. Se o enfermo se converte, ou alcança a cura, damos graças a Deus. Mas esta não é a primeira finalidade deste ministério. A prioridade reside em testemunhar o amor de Cristo para quem sofre. Importa estar presente, orar pelo enfermo e com ele, visando à cura ou à aceitação de sua condição, que pode levar à morte.
- b) Caso você exerça o ministério ou pastoral dos enfermos e acompanhe doentes em estágio terminal, leve em conta os “estágios do morrer”, sistematizados por Elizabeth K. Ross e apresentados brevemente neste artigo. Para cada etapa, há atitudes e posturas mais adequadas. Respeite o enfermo. Compreenda as reações características de cada momento. Ajude os que estão na etapa final da vida a

acolher a morte e entregar-se nas mãos de Deus. Assim, você será um sinal do Evangelho para o enfermo e sua família.

- c) Várias Igrejas tem orações específicas para o momento do velório e do sepultamento. Recebem diversos nomes, como “Celebração de Exéquias” e “Ritos fúnebres”. Presidem estas celebrações o padre, o pastor ou alguém que recebe este ministério em nome da Igreja. Normalmente constam de leituras bíblicas, Salmos, cânticos e orações. Você deve conhecer e utilizar o que a sua Igreja oferece. No meio católico, costuma-se entoar orações devocionais, como o rosário. Quando possível, realiza-se a “missa de corpo presente”. Nas Igrejas anglicanas e protestantes históricas (luteranas, metodistas, presbiterianas) também se ora comunitariamente com ofícios ou celebrações.

Se você é ministro de exéquias, cumpra sua missão com unção. Não se preocupe em dar respostas a todas as eventuais perguntas sobre a morte, que venham neste momento. Ore com as pessoas ali reunidas. Conforme a visão da sua Igreja, ore pelo falecido, para que ele(a) seja acolhido na glória do Pai. Mais importante do que seguir regras e cumprir o rito é sua presença, seu gesto cristão de sintonizar-se com a dor dos outros. Proferem-se poucas palavras, com densidade e sentido. Entoam-se cânticos. Por vezes, ouvem-se testemunhos dos presentes sobre a vida do falecido. É oportunidade para elaborar o luto. A oração comunitária consola e fortalece amigos e familiares, sem que seja necessário dar muitos conselhos e exigir um comportamento padrão.

- d) A pluralidade religiosa atual chegou ao velório e ao sepultamento. Por vezes, o falecido tem na sua família pessoas de distintas Igrejas cristãs, como católicos e evangélicos de diferentes denominações, ou membros de outras religiões, como espíritas e umbandistas. Convém respeitar essas diferenças e não fazer desse momento de dor um espaço de doutrinação e de luta religiosa. Antes de iniciar a oração, informe-se sobre a crença dos familiares mais próximos. Se forem de Igrejas diferentes, busque a linguagem e a abordagem comum ao cristianismo, com leitura bíblica, salmos e cânticos. Evite posicionar-se em questões polêmicas. Lembre-se que sua presença cristã se fará sobretudo pelo gesto de solidariedade, de compaixão,

como também pela prece. Pode suceder que os parentes não queiram qualquer tipo de manifestação religiosa.

- e) Em alguns lugares do Brasil, acontecem celebrações ecumênicas no velório e antes do sepultamento. Constituem momentos intensos de oração cristã. Devem ser preparados com antecedência, pelas partes envolvidas. Normalmente constam de hinos e cânticos, proclamação da Palavra de Deus, recordação da vida do falecido, palavra de consolo e de esperança. Quando há várias Igrejas e denominações juntas, deve reinar o respeito entre elas. Evitem-se longas pregações.
- f) Algumas Igrejas organizam equipes que acompanham os familiares durante o período crítico após a morte. Recebem distintos nomes, como *ministério da esperança* ou *pastoral da consolação*. Se você participa dessa missão, leve em conta as observações que fizemos no item “o velório e o luto”. Com sua equipe, visite a casa da família nos primeiros dias após a morte. Marque presença especial nos três primeiros meses. Se for o caso, ofereça a possibilidade da celebração de aniversário de um ano da morte. Vocês ajudarão os familiares a “deixar o outro partir”, a aceitar a perda, viver o presente e projetar-se para o futuro. Em alguns lugares, “o ministério da consolação” é exercido de forma coletiva, com a formação de grupos de autoajuda de pessoas enlutadas, animados por alguém que já passou pelo luto. Privilegia-se a partilha, de forma que um auxilia o outro, respeitando o ritmo próprio de cada participante.
- g) Os católicos têm o hábito de celebrar a Missa de Sétimo Dia. Para eles, tal prática religiosa tem sentido, pois faz parte da elaboração do luto e expressa a maneira como entendem a morte e a ressurreição. Com as mudanças culturais em andamento, essa “celebração da esperança da ressurreição” perde a obrigação social que tinha até então e se torna um momento orante, destinado sobretudo aos vivos. Por isso, soa estranho e incoerente quando alguém “manda rezar a missa de sétimo dia” e não se faz presente. Já os evangélicos rejeitam tal celebração, pois não acreditam que se deve rezar pelos mortos. Também neste caso se devem respeitar as diferenças concepções acerca da morte e da vida eterna.

Conclusão

A morte é uma realidade difícil de se compreender e custosa para se acolher. No entanto, faz parte da nossa existência, ao mesmo tempo em que a conclui. Estamos inseridos no inevitável ciclo da vida-morte e participamos do mistério da maldade e do pecado no mundo. Fascinante é viver, desafiante é morrer com dignidade e inteireza.

Diante da morte dos outros, somos chamados a exercitar o amor solidário, a compaixão, a presença de qualidade. O silêncio e a perplexidade, perante tantas perguntas não respondidas, pode colocar a fé em prova. No entanto, proporciona ocasião de crescimento, de repensar a própria existência e amadurecer na opção por seguir a Jesus. Ao enfrentar a triste realidade do fim da existência de alguém, temos oportunidade de refletir sobre o que estamos fazendo de nossa vida.

A esperança na ressurreição não anula os desafios colocados pela morte. A fé confere esperança e sentido para o existir e o morrer. Compreendemos então as palavras de Jesus: o grão de trigo tem que morrer, para depois germinar (Jo 12,24-26).

Referências

- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- BLANK, R. J. **Escatologia da pessoa**: vida, morte e ressurreição. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOFF, C. **Escatologia**: breve tratado teológico-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- BOFF, L. **Vida para além da morte**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- D'ASSUNÇÃO, E. A. **Dizendo adeus**: como viver o luto, para superá-lo. 2. ed. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2002.
- D'ASSUNÇÃO, E. A. **Sobre o viver e o morrer**: manual de tanatologia e biotana-tologia para os que partem e os que ficam. Petrópolis: Vozes, 2010.

FRANÇA MIRANDA, M. **A salvação de Jesus Cristo**: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

KEHL, M. **O que vem depois do fim?** São Paulo: Loyola, 2001.

KUEBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LELOUP, J-Y.; HENNEZEL, M. **A arte de morrer**: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. **Escatologia cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MANZATTO, A. et al. **De esperança em esperança**. São Paulo: Paulus, 2009.

MOLTMANN, J. **A vinda de Deus**: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Org.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

Recebido: 10/01/2014

Received: 01/10/2014

Aprovado: 26/01/2014

Approved: 01/26/2014